

Gays, viados e lokas: uma análise comparativa de discursos homossexuais no Brasil e na Colômbia¹

Gays, fags and lokas: a comparative analysis of discourses on homosexualities in Brazil and Colombia

Atilio Butturi Junior² e Nelly Andrea Guerrero Bautista³

Resumo

Este artigo descreve, comparativamente, discursos sobre homossexualidades masculinas cis no Brasil e na Colômbia. Partimos da discussão foucaultiana acerca do dispositivo da sexualidade e sobre a produção de exceção da biopolítica, por um lado, e da genealogia de homossexualidades nos dois países, por outro. Nosso *corpus* é formado de duas circunscrições: as décadas de setenta e oitenta do século XX e a década de vinte do século XXI. A análise parte dos seguintes recortes: nos anos oitenta, os jornais *Ventana Gay*, da Colômbia, e *Lampião da Esquina*, do Brasil; no século XXI, os discursos on-line do *Põe na Roda*, no Brasil, e *Juan Pablo Jaramillo*, na Colômbia. Analiticamente, podemos notar: i) um deslocamento não-irrelevante das estratégias discursivas que cercam as homossexualidades mais efeminadas, passivas e vulneráveis; ii) a presença ambígua e constante de um discurso internacionalizante e igualitário gay; iii) um jogo tenso entre práticas de resistência e a normalização do *good gay*. Concluímos que estamos diante de um discurso polivalente e, por vezes, moralizante que tem como condições de produção a topologia governamental liberal-moral em curso no Brasil e na Colômbia.

Palavras-chave: homossexualidades masculinas cis, homossexualidade no Brasil, homossexualidade na Colômbia, discurso digital, imprensa alternativa.

Abstract

This article describes comparatively the discourses on cis male homosexualities in Brazil and Colombia. We start from both the Foucauldian discussion about the sexuality apparatus and the biopolitics production of exception, and the genealogy of homosexualities in the two countries. Our corpus is delimited by two temporal circumscriptions and consists of the following: in the eighties of the 20th, the newspapers *Ventana Gay*, from Colombia, and *Lampião da Esquina*, from Brazil; in the 21st century, the online discourses of *Põe na Roda* (2014), in Brazil, and *Juan Pablo Jaramillo*, in Colombia. Analytically, we can notice i) a non-irrelevant displacement of the discursive strategies that surround the more effeminate, passive, and vulnerable homosexualities; ii) the ambiguous and constant presence of an internationalizing and egalitarian gay discourse; and iii) a tense game between resistance practices and the normalization of the good gay.

¹ Este artigo contempla resultados das pesquisas de tese de doutorado (Butturi, 2012) e dissertação de mestrado (Guerro, 2019), que servem como base para a análise comparativa do corpus aqui proposto.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Correo: atilio.butturi@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2259>.

³ Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Correo: naguerrero@unal.edu.co. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0933-4782>.

We conclude that we are facing a polyvalent and moralizing discourse that bears conditions of production in the current liberal-moral governmental topology in Brazil and Colombia.

Keywords: cis male homosexualities, homosexuality in Brazil, homosexuality in Colombia, digital discourse, alternative press.

Introdução

Halperin (2007) e Bourcier (2020) têm discutido aquilo que, no interior dos discursos identitários dos homens homossexuais cis, aparece como hierarquização e produz formas de ser um “bom gay”. Essa estratégia se estabelece segundo a ordem da produção da exceção e da abjeção: de um lado, estariam os gays, homens em geral brancos, com práticas de parentalidade, defensores do casamento aos moldes heterossexuais da perspectiva dos direitos, avessos à promiscuidade e a práticas “fechativas” (*perchativas*, como diria Colling, Arruda & Nonato, 2019); do outro, as formas de subjetividade mais efeminadas, marcadas por intersecções raciais e sociais e pela presença de formas mais experimentais de vida.

Ora, se o gênero, os corpos e a sexualidade são aspectos mediados pelas práticas discursivas, vemos a língua como atividade política e, por tanto, o sujeito como a representação linguística e política de identidade (Butler, 2017) – e as homossexualidades aparecem nesse cadinho. Sob este olhar reconhecemos que há subjetividades homossexuais cis forjadas na materialidade discursiva do dispositivo de imprensa alternativa, mas, como Foucault (1999b) nos possibilita identificar, essas subjetividades são produzidas entre discursos polivalentes que, ao mesmo tempo enquanto tentam contestar a ordem estabelecida pela sociedade heteronormativa, criam cisões racializadas entre sujeitos homossexuais, corpos e homossexualidades produzindo e normalizando um modelo de sujeito homossexual masculino, que configuraria uma espécie de homonormatividade, nos termos de um dispositivo.

Não nos deteremos na homonormatividade, como conceito desenvolvido por Duggan (2002). Interessa-nos, por outro lado, descrever as intrincadas estratégias de pertencimento e racialização que estiveram em curso nos anos oitenta do século XX. Nossa análise é amparada em duas pesquisas realizadas sobre a produção de discursos homossexuais no Brasil e na Colômbia, que notam a ambiguidade discursiva dos discursos de assunção homossexual caracterizados pela igualdade, que, ao mesmo tempo em que se declaram libertários, hierarquizam as práticas homossexuais e apagam outras subjetividades, as das práticas passivas do *ethos* efeminados: *bichas* e *maricas* (Butturi, 2012), marcando uma cisão racializada entre masculinidade e efeminização, entre gays masculinos, *viados*, *lokas* e *maricones*, produzindo assim a normalização das subjetividades homossexuais entrelaçadas com o ser masculino e os discursos de masculinidades (Guerrero, 2019).

Nosso estudo é comparativo – a produção de discursos no Brasil e na Colômbia –, mas ganha outro enfoque nessa comparação, pois nosso corpus se constrói por discursos da imprensa alternativa do século XX – o *Lampião da Esquina* e *Ventana Gay* –, jornais homossexuais e militantes da década de setenta e oitenta, e realiza um cotejamento com uma nova materialidade e novos discursos, a saber, aqueles que circulam, no Brasil e na Colômbia do século XXI, on-line (sobretudo nas redes sociais).

Nesta esteira, tentamos traçar uma análise comparativa dos anos oitenta do século XX e dos anos vinte do século XXI, com o intuito de reconhecer esses deslocamentos enunciativos e identificar modalidades de subjetividades homossexuais cis masculinas no Brasil e na Colômbia. Para isso, utilizamos duas fontes: os canais de *YouTube* “Põe na roda”, do Brasil, e “Juan Pablo Jaramillo”, da Colômbia, cotejando textos publicados entre 2019 e 2022. Nosso aporte teórico é a arqueogenealogia foucaultiana, naquilo que ela sustenta como produção de discursos e práticas “homossexuais” e as relações de poder, saber e de produção de subjetividades. Junto a Foucault, também nos valeremos das discussões de Paveau sobre o discurso digital.

Por estratégia discursiva, estamos tomando a relação de polivalência tática do discurso, por um lado, e a assunção de que as regularidades discursivas obedecem a estratégias históricas relacionadas ao poder (Foucault, 1999b, 2008). Assim, entendemos que são estratégias os modos pelos quais se seleciona, se organiza e se materializa um discurso e não outro. No caso das homossexualidades, isso equivale a inteligir tanto os modos pelos quais os enunciados são produzidos quanto a sua materialidade, na forma de textos. Por sua vez, no que se refere ao discurso digital, nos valem tanto do conceito de *ecologia discursiva*, entendido como uma relação entre discursos, dispositivos e práticas de saber poder, como na análise da circulação de discursos digitais nativos, ou seja, aqueles produzidos estritamente no digital – como o caso da segunda parte de nosso corpus – e que se caracterizam pela produção de memória por retomadas e citações com o uso de *hashtags* ou menções (Paveau, 2017).

O artigo está assim distribuído: a primeira seção, *Sobre viados, lokas e gays* com o intuito de apontar para a invenção do sujeito homossexual masculino no Brasil e na Colômbia levando em consideração as condições de produção que envolvem cada território. Isto nos permite entender a apropriação da imprensa alternativa como meio de expressão dos coletivos homossexuais do século XX, o que será tratado na seguinte seção, *A imprensa alternativa e a invenção dos corpos gays no Brasil e na Colômbia*. A terceira seção, *Janelas trincadas* se ocupa da análise comparativa entre as duas publicações. A quarta seção, *As redes, as novas moralidades, as homossexualidades*, descreve a produção discursiva do século XXI, não mais na imprensa alternativa, mas nas redes sociais. Por fim, as *Considerações finais* apontam para os deslocamentos e permanências que ora encontramos em nossa pesquisa.

Sobre viados, lokas e gays

A produção de uma normalidade homossexual passa por uma genealogia médico-jurídica específica, que teve lugar no Brasil e na Colômbia desde o século XIX e cuja marca é uma espécie de colonialismo eurocentrado, na medida em que colocaria em xeque as práticas então existentes (Butturi, 2012). Da ordem do higienismo e do dispositivo da sexualidade, cuja marca era a de individualização, doentização e criminalização das práticas, essa genealogia breve pode ser inscrita no que chama de “descoberta dos instintos”, que Michel Foucault (2002) vai aproximar de uma microfísica da perversidade e dos esquadrinhamentos mínimos que aparece no século XIX, num movimento em que a eugenia e a hereditariedade, responsáveis por pensar a espécie, são justapostas nos discursos da degenerescência. Ora, *a invenção do homossexual* como invertido parte da exacerbação dessas pequenas monstruosidades cotidianas.

No Brasil, como o mais distintamente negativo da ordem familiar, o “homossexual” será, junto da mulher histórica, o ponto nodal das experiências e doutrinas médicas dos inícios do

Império e da República Velha (1889-1930), numa estratégia em que se combinam, contraditoriamente, a vanguarda na ordem jurídica e a normatização radical: em 1830, o primeiro *Código Penal Imperial* do Brasil independente eliminava qualquer referência à sodomia, fazendo eco ao *Código Napoleônico* e sua descriminalização das relações sexuais; em contrapartida, uma série de “brechas” na legislação, relacionadas à indecência e ausência de pudores públicos pode, ao relacionar-se com o advento da medicina higienista, aprofundar o dispositivo disciplinar de forma a determinar o comportamento fora-da-norma como objeto preferencial da polícia da sexualidade (Green, 2000).

Na Colômbia, Zuleta (2020), ao exigir uma tomada de posição em defesa dos direitos dos homossexuais, vai apontar para dois momentos distintos de sua história: o primeiro, relativo aos pecados da Inquisição; depois, ao mesmo higienismo e à invenção do invertido da alma:

Si en un comienzo la exclusión de los homosexuales se basaba en conceptos morales: pecado y anti naturaleza, posteriormente se crearían nuevas justificaciones depresivas tales como el carácter endemoniado de los homosexuales (en la edad media oscura) y para ello la solución era el exorcismo; [...] Pero la persecución se hace más insidiosa cuando laboral, la religión y la medicina se complacen con el derecho y la psicología (y psiquiatría) considerando al homosexual como DELINCUENTE Y ENFERMO⁴. (Zuleta, 2020)

No interior desses discursos e na rede de seus efeitos em corpos e subjetividades, o homossexual é essa subjetividade em cujo corpo reside uma violência em promessa, um risco a se conter, um indivíduo perigoso a se controlar. Suas relações são promíscuas: porque o instinto não escolhe classe ou raça, porque as práticas rompem com as topologias subjetivas de virilidade e civilidade em que as nações sonhavam em se constituir (Zuleta, 2020).

Ora, o vértice entre a medicina e a promiscuidade se deslocará mais uma vez no século XX, mais detidamente a partir da década de setenta e logo depois, quando a epidemia da aids. É naquele momento que apareceriam, na América Latina⁵, os primeiros movimentos identitários, pautados numa subjetividade igualitária e ancorados numa espécie de modelo de subjetividade: o *gay*. O *gay* aparecia como forma de, supostamente, expulsar do verdadeiro da homossexualidade as relações hierárquicas (o “modelo bicha-bofe”), consideradas arcaizantes, e colocava em jogo identidades mais embranquecidas, mais escolarizadas e mais militantes (Butturi, 2012; Guerrero, 2019). Não obstante as estratégias de apagamento de outras formas de homossexualidade, o *gay* estabelece-se num campo político prolífico na produção dos sujeitos homossexuais como um grupo unificado à procura de libertação (Guerrero, 2019).

É justamente essa ambiguidade, entre a produção de uma identidade *gay* para o Brasil e a Colômbia, e a produção de seu outro, que colocamos em questão aqui. Os discursos libertários que emergem nos movimentos sociais trazem no bojo uma modalidade de homossexual encaixada nos padrões e demandas heterossexuais (matrimônio, família, filhos, patrimônio), que ainda mantem a

⁴ Maiúsculas do original.

⁵ As menções à América Latina, aqui, também parte do conceito de invenção, o que significa que tanto América Latina quanto seus derivados – latinos, latinas etc. – deve ser lido a partir desse distanciamento, conforme Trávez, Castellanos & Viteri (2013).

moralização das práticas sexuais e uma concepção essencialista da homossexualidade e do sujeito homossexual.

No entanto, nos anos setenta e oitenta do século XX, o apagamento das práticas genéticas dá lugar a uma sexualidade repatologizada no dispositivo da aids (Perlongher, 1987; Butturi, 2016), segundo um novo espraiamento médico e moral. É nessa diferenciação que aparecem as modalidades segregacionistas dos sujeitos homossexuais mais efeminados, mais *viados*, mais *maricas*, mais *lokas*. Como assinala Sutherland (2014), a homossexualidade foi reconhecida, mas para promover uma homossexualidade mais higienizada, planificada e saudável, através de estratégias de controle do corpo, da saúde e da sexualidade que regularam esses comportamentos promíscuos do homem homossexual e efeminado, ajustando-se à processos de medicação e segurança (com a promoção do preservativo e invenção, no movimento gay, do *safe sex*).

A imprensa alternativa e a invenção dos corpos gays no Brasil e na Colômbia

Uma das práticas de resistência nesses panoramas conjunturais tem a ver com a comunicação alternativa, entendendo o “alternativo” como meio de expressão em oposição aos interesses ou às tendências da mídia convencional, comercial e pública de viés conservador (Peruzzo, 2009; Kucinski, 1991), que, em termos gerais, corresponde ao discurso dominante e hegemônico bastante característico dos países da América Latina, no caso específico aqui, no Brasil e na Colômbia, principalmente se focamos na década de oitenta do século XX. Desse modo, a imprensa alternativa mantém um caráter contestador como forma de expressão de grupos subalternos que manifestam suas desigualdades sociais e as diferentes demandas que delas desprendem.

Neste período, se abrem discussões e mobilizações políticas que, embora influenciadas pelos movimentos e mudanças dos Estados Unidos e Europa, colocaram sobre a mesa temáticas de inclusão social, transformações culturais, políticas e sobre sexualidade, e aqui a comunicação alternativa gerou um compromisso com os movimentos sociais locais manifestando a crítica à sociedade imperante no campo da comunicação na produção de discursos de justiça social (Meléndez, 2016).

Esses deslocamentos podem ser evidenciados na pesquisa de Prado e Machado (2012), Guerrero (2019) e Butturi (2012), acerca do Brasil e da Colômbia, ao apresentar alguns grupos e organizações de luta em torno das temáticas da sexualidade e da homossexualidade no mundo e na América Latina; alguns desses grupos produziram publicações impressas que davam conta de suas discussões, demandas e, em geral, da materialização dos discursos da sua luta. Sob estas evidências, reconhecemos as publicações aqui analisadas no dispositivo da imprensa alternativa, tendo em conta que buscaram gerar discursos outros a partir de distintos olhares não hegemônicos e contra os discursos dominantes, tanto no campo da sexualidade, quanto na política, economia, e sociedade em geral.

Na pesquisa de Guerrero (2019), vemos que, apesar das óbvias diferenças na formação histórica da Colômbia e do Brasil os discursos dominantes da década de oitenta são caracterizados pelo conservadorismo, concretamente no relacionado à sexualidade, em que imperam as convenções tradicionais de família, de saúde (com o controle da população), de doença e do controle do corpo. No Brasil, durante a Ditadura Militar, por exemplo, é criado o Decreto-lei Nº 1.077 de 26 de janeiro de 1970, que proíbe a criação e distribuição de “publicações que atentem contra a moral e os bons costumes” (Guerrero, 2019, p. 182). Por sua vez, a Colômbia, mesmo sem

um decreto específico de controle da imprensa, guiava-se pelos manuais de educação e boas maneiras que eram utilizados e exigidos na educação de crianças e adolescentes.

Nessas condições de produção gerais e naquelas mais específicas, relacionadas à emergência da subjetividade *gay* e das políticas identitárias, é que aparecem *Ventana Gay* e *Lampião da Esquina*. Ambos carregam já no título os sentidos de “abertura” e “iluminação”, uma espécie de novidade benfazeja para o que se considerava arcaico e tradicional. A *Ventana*, inclusive, nomeia de modo efetivo a abertura: é *gay*.

La ventana gay

A revista *Ventana Gay* é uma publicação de temática *gay* elaborada por homossexuais para homossexuais. O *Movimento de Libertação Homossexual – MLH*, constituído no final da década de setenta (1977), decide fazer uma produção para dar conta das suas discussões sobre o reconhecimento e reivindicação da homossexualidade na Colômbia, tornando-se assim um material impresso que apresenta a história de luta dos movimentos e as agrupações em prol dos Direitos Humanos e das liberdades e respeito a sua sexualidade. No entanto, seu principal objetivo era motivar os homens homossexuais a viver sua homossexualidade superando seus medos de exclusão.

Sem conhecimento de jornalismo, edição, produção e publicação, o grupo de jovens conformado por estudantes universitários, professores e artistas, materializa esse objetivo em agosto de 1980, publicando a que seria a primeira de 23 edições (até 1984) da revista *Ventana Gay*, com a seguinte apresentação:

Neste exato momento em que você inicia seu percorrido através das mensagens de frutos da conscientização, está-se afirmando um dos grandes bastiões para o saneamento da história, isto é, uma expressão sincera sobre a realidade do ser humano [...] “*Ventana Gay*” é dedicada a todos os homófilos da nação [...] [e] é dirigida para ser o meio de expressão de todas as variantes que temos [...] é a manifestação viva, a firmação da beleza de ser *Gay*. [...] A *Ventana Gay* mantém suas portas abertas para que o *gay* tenha uma visão da realidade, e para que como *gay* expresse em suas páginas considerações sobre sua vida cotidiana e o mundo ao seu redor [...]. (*Ventana Gay*, 1980, p. 3, tradução nossa)

A estratégia do texto de abertura estabelece uma relação específica entre a *conscientização*, o que chama de *realidade* e a identidade *gay*. Não obstante refira-se às “variantes”, é o termo inglês que, somente no breve excerto, aparece quatro vezes e sugere uma espécie de internacionalismos – os “homófilos” que se conectariam aos outros, espalhados pelo mundo aberto pela tal *ventana*

Ventana Gay tentou ser uma publicação *discreta*, inclusive em suas formas, ilustrações e cores (preto/branco) (Imagem 1), tendo em conta que “até o ano 1980 a lei colombiana penalizava o “acesso carnal homossexual”, motivo pelo que a perseguição policial a homossexuais era mais intensa” (Guerrero, 2019, p. 209); no entanto, a revista foi vendida em livrarias e algumas bancas acessíveis no centro da capital (Bogotá) e em outras cidades através da comunicação boca a boca.

Imagem 1. Capas das edições 1 e 4 de *Ventana Gay*



Fonte: *Ventana Gay*, 1980 (p.1); 1981 (p. 4).

A discrição, compatível com o discurso *gay*, materializava-se na estratégia discursiva de produção de uma subjetividade entendida: culto, letrado, acadêmico com interesses artísticos, sociais e culturais, o *gay* rompia com a atávica subordinação em que vivia. Sendo identificada por um dos seus editores, Manuel Velandia, como revista ‘intelectual-política’, a *Ventana* manterá algumas seções culturais, em que publicavam poemas de escritores famosos, resenhas de filmes, escritores ou livros. Tratava-se de romper com as homossexualidades populares, formada de cabeleireiros, cozinheiros ou prostitutas e prostitutas (no caso das mulheres trans e travestis).

Por sua vez, no que refere à ‘higienização’ da homossexualidade, a publicação colombiana aponta para a ‘normalidade’ dos sujeitos homossexuais, passível de ser integrado à sociedade da mesma forma que os heterossexuais. A estratégia, porém, era de homonormalização, visto que só era possível aceitar o homossexual que se ajustasse às características ‘intrínsecas’ à heterossexualidade – nos termos de Halperin (2007), o *good gay* –, como se apresenta nos seguintes trechos extraídos de Guerrero (2019), em que “a gente saudável”, o “trabalho” e a “heterossexualidade” aparecem como atributos fundamentais no novo homossexual colombiano (p. 216).

Das estratégias de “culturalização” e de normalização aparece, como produto, a produção de corpos e práticas abjetas, numa série de enunciados que se repetem na publicação e que, racializados, escondem as homossexualidades a partir da saúde, do risco e do perigo ligados às práticas afetivo-sexuais. Isto marca a produção de um outro homossexual, sujo, doente, nojento, sem cuidado, além de demonstrar o poder mantido ainda no discurso médico, pois grande parte das seções em várias edições da revista.

O lampião da esquina

Se a homossexualidade *gay* marca a ascensão da politização das identidades e a produção de abjeção na Colômbia, no Brasil uma arqueologia similar pode ser descrita. Começemos essa série lembrando que havia vários jornais desde a segunda metade do século que, restritos a grupos fechados e de caráter “colunístico”, investiam nas dizibilidades homossexuais. Assim é que, entre 1963 e 1969, no Brasil, circulou o jornal *Snob*, cuja temática era homossexual e que circulou,

rudimentarmente mimeografado, no Rio de Janeiro. Seu editor dá um testemunho das transformações ocorridas na década de setenta, que marcarão o jornal e as práticas e discursos homossexuais: "**Antes** era tudo bicha e bofe. **Depois** a gente começou a descobrir que podia outro homem e fazer o papel ativo. Não tinha que ser **bicha na cama**." (Guimarães apud Green, 2000, p.426, grifos nossos).

Fazer "papel de homem" e "não ser bicha", para Guimarães, dizia respeito à "influência americana" e à assunção da identidade gay. Essa história progressiva de aparecimento de uma nova verdade da *homossexualidade como abandono da passividade e da efeminização* encontrará uma versão mais politizada e "refinada" na década de setenta, quando surge o *Lampião da Esquina* (Imagem 2). Essa nova imprensa gay, então, passa a inscrever-se na série de discursos jornalísticos ditos "alternativos", que costuma ombrear, por exemplo, com o *Pasquim* - a menção ao jornal é constante nos textos do *Lampião*. Ademais, sua estratégia é a de assimilação dos demais jornais e de produção de um discurso unificado sobre a homossexualidade no Brasil. Além disso, trata-se de um jornal de ampla circulação, distribuído em bancas de jornal espalhada, então, pelo país.

Assim como ocorreu com a *Ventana*, a primeira edição, o número zero de *Lampião*, é bastante explícita em sua vontade de verdade gay. No primeiro de seus ensaios, lê-se: "Para se chegar à luz de uma possível 'normalidade', carecemos de conscientização do meio sobre o que seja a **verdadeira homossexualidade** e, principalmente, de auto-conscientização dos artistas criadores! (Penteado, 1978, p.3, grifos nossos). Adiante, um texto sobre Lorca é intitulado de "**A verdade** sobre Lorca", enquanto dois outros títulos dão conta de uma unidade: "**O nosso** prazer é melhor?" e "Qual é a **nossa** imprensa?". Neste último, o leitor é informado novamente dos sentidos da pertença (o "nosso") à categoria homossexual que busca "[...] a realidade de uma homossexualidade despida de fetichismo sexual [...]" (Lampião, 1978a, p. 5, grifos nossos):

Imagem 2. Capa da primeira edição do *Lampião da Esquina*, abril de 1978



Fonte: arquivo do Grupo Dignidade (2022)

Como acontecia com a *janela* colombiana, no Brasil a iluminação vinha do *Lampião*: que era o símbolo da masculinidade supostamente gay, o cangaceiro nordestino; que era também da semântica da iluminação, de uma colonização, digamos, positiva. Para o *Lampião*, de acordo com

a primeira de suas colunas, a destruição "[...] da imagem-padrão que se faz do homossexual [...]" (Lampião, 1978a, p.2) também partia de uma estratégia higienizadora, conta a "[...] **corrupção moral** em que se encontra envolvida a homossexualidade, vítima desta discriminação esmagadora, e que continua sendo imposta pelo estilo machista. (Lampião, 1978a, p.5, grifos nossos). No *Lampião*, a identidade política que constitui a "nova homossexualidade" funcionava também um código de normalização – uma homonormatividade então em invenção: "Desde que se encare o guei como uma pessoa, um estilo de vida tão digno e sério como qualquer [...] Mas olha lá. Nada de gay tratando ou agindo como coisa jocosa, que não se dá o respeito. Aquele estilo aiaiai, cheguei! Só serve a quem é contra nós [...]" (Lampião da Esquina, 1978b, p.11).

Esta identidade politicamente vanguardista, contra o suposto atraso do modelo dos *viados* e das *bichas* e que atravessa o discurso do *Lampião*, também será aproximada de um *status cultural particular*, novamente similar ao materializado na *Ventana*: o da apropriação artístico-cultural. Então, vejamos: o jornal conta neste primeiro ano com algumas seções fixas, dentre as quais tem destaque *Tendências*, responsável pela agenda cultural e por resenhas de diversas manifestações artísticas que versam sobre as homossexualidades. Além disso, um espaço importante é dedicado a entrevistas com personalidades culturais (Lecy Brandão, Ney Matogrosso, Lennie Dalle, Manuel Puig) e com textos que versam sobre o cinema de Pasolini, a poesia de Cavafi, o teatro de Albee encenado no Brasil.

Estrategicamente, produzia-se um leitor e um novo sujeito moral, não mais disposto a reproduzir a futilidade dos encontros em busca de "bofes" nem o columnismo social. Contra as identidades "alienadas" dos autores e dos leitores, a linha editorial do jornal oferecia tanto uma discussão antropológica e uma série de textos literários, publicados na versão original nas páginas finais do periódico. Já em seu número zero, ao responder um leitor sobre a publicação de ensaios com homens nus, *Lampião* (1978a, p.14) esclarece: "Quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero [...]".

Não obstante esses esforços contínuos de normalização, permaneciam ambíguas e fantasmáticas as outras práticas homossexuais – tanto no Brasil quanto na Colômbia –, que eram vividas, ainda que cada vez menos dizíveis. Aquilo que era inscrito como efeminização, passividade, pastiche e, no limite, vergonha e anormalidade, viria a reaparecer, como formas de resistência ao colonialismo *gay* então (e ainda, como se verá), em vigência – o que abordamos brevemente a seguir.

Janelas trincadas

Ainda que exitosas em sua normalização, as estratégias da *Ventana* e do *Lampião* começaram a ser colocadas em xeque já no final dos anos setenta. Essa problematização, no entanto, aqui é lida na modalidade do pertencimento histórico: tanto a *Ventana* quanto o *Lampião*, como gostaria Foucault (1999a) eram peixes no aquário de seu tempo. Não queremos exigir deles aquilo que não estava inscrito em seus horizontes de verdade. Porém, cabe aqui fazer notar as fissuras e trincamentos que os próprios jornais trouxeram à tona, o esforço de deslocamento de seus discursos e de suas práticas.

No caso da *Ventana*, o próprio Manuel Velandia, em entrevista (Guerrero, 2018), manifesta seu inconformismo com a forma de direcionar os conteúdos, já que ele preferia textos menos densos pensando em um público mais comum, *maricas* que nem chegaram na faculdade e que não têm a

possibilidade de acessar esse tipo de discursos. No caso do *Lampião*, dois movimentos aconteceram: o primeiro, advindo da seção dedicada aos leitores, a *Cartas na Mesa*.

A resistência foi responsável pela criação da coluna *Bixórdia*, uma espécie de heterotopia efeminada e fechativa criada como coluna no jornal. No entanto, a *Bixórdia* permaneceu como lugar de pastiche no interior da seriedade política do *Lampião*. No *Lampião*, ainda, o segundo movimento pode ser lido nas tensões entre os próprios editores. Assim, no documentário *Lampião da Esquina*, assistimos à narrativa do embate entre a militância esclarecida de João Silvério Trevisan e o tom *fait divers*, mais afetado e ambíguo, do discurso de Aguinaldo Silva. É justamente essa ambivalência que, ao que parece, não permitiu a sobrevivência do Jornal.

De todo modo, importa-nos apontar para o caráter constitutivo dessa crise dos *viados* e das *lokas*: no dispositivo de normalização de que faziam parte os jornais, da ordem da virilidade e da igualdade esclarecidas, elas permaneceriam como um ponto nodal de exigência de amplificação das categorias e de sua problematização. Nos anos seguintes, com ao acontecimento da aids, a invenção do *gay* higienizado vai ganhar força, na medida em que aqueles considerados mais promíscuos, mais passivos e, nesse cadinho, menos normais, passarão a ser lidos como perigosos (Butturi, 2016). Ato contínuo, uma nova corporalidade viril e novos hábitos de consumo e de socialização vão exigir dos homossexuais cis novas práticas e novos discursos.

Infelizmente, não podemos aqui analisar os intrincados deslocamentos produzidos pelo dispositivo da aids e pelo dispositivo crônico da aids (Butturi, 2016). No entanto, na próxima seção, gostaríamos de analisar os discursos de duas páginas on-line, novamente do Brasil e da Colômbia, e inventariar as práticas novas que deixam entrever, por um lado, e a memória de normalização (e sua reinvenção) ainda em curso. Passemos a elas.

As redes, as novas moralidades, as homossexualidades

Antes de analisar nosso corpus, é preciso perscrutá-lo segundo a ordem das condições de produção de seus discursos e práticas. Para tanto, partiremos da problematização recente sobre a ascensão de normas, moralidades conservadoras e fascistas, que têm como efeito a invenção de novos inimigos, anormalizados, dessa perspectiva, Lazzarato (2019) e Brown (2006, 2019), têm apontado que esse outro a se combater é formado a partir de certas subjetividades: as feministas e os homossexuais, mas também a população LGTBQIA de modo mais geral, as organizações de lutas pelos direitos, as pessoas progressistas, as mais pretas e as mais economicamente vulneráveis.

Por sua vez, Birolli, Vaggioni e Machado (2020) vão retomar a arqueologia desses deslocamentos morais no Brasil e na América Latina, materializada pela produção de discursos sobre a “ideologia de gênero”, sobre a “valorização da vida” e sobre a “família”. Para as autoras, os discursos conservadores passam a funcionar como uma espécie de contra-ofensiva: primeiramente, contra os documentos da ONU dos anos noventa, que se pautam na diversidade sexual e nos direitos reprodutivos; já no século XXI, contra a ascensão de direitos que, na América Latina teve lugar em governos mais progressistas e nos deslocamentos trazidos com os dispositivos digitais e os discursos *on-line* (Paveau, 2017) naquilo que sustentam de uma *ecologia dos discursos*.

Nos dois casos, o que nosso corpus aponta, como veremos nas próximas seções, é um intrincado jogo entre as moralidades, os ativismos on-line e regimes de produção de si bastante conservadores. Novamente, estamos diante de uma agonística entre formas mais morais de ser um

homossexual cis e as estratégias de deslocamentos desses regimes morais, subjetivos e identitários. Outrossim, podemos notar a presença de memórias discursivas específicas acerca do “homossexual verdadeiro” e da circunscrição de outras subjetividades ao espectro do riso e da diferença. Nesse cadinho é que duas estratégias discursivas se destacaram: i) a aparição de um *life style* internacional, pautado no consumo, que atualiza a memória de erudição e cultura diferencial que líamos na *Ventana* e no *Lampião*; ii) as novas formas de ser LGBTQIA+ que ora parecem suscitar rasuras na produção de subjetividades, ora apenas se contrapõe ao regime de verdade que se estabelece entre a juventude, a branquitude, a corporalidade paradigmática e seus efeitos.

Como afirmamos na *Introdução*, tomamos duas páginas/ redes: *Juan Pablo Jaramillo*, na Colômbia, e *Põe na Roda*, no Brasil. Em comum, elas trazem personagens centrais – Jaramillo e Pedro HMC, idealizador do Canal: ambos cis, jovens, devidamente tatuados e cuja moralidade se encontra no espectro do *good gay* e de seu *life style*. Passemos às análises.

As confissões colombianas

Parece que os novos discursos dos homens homossexuais cis na Colômbia caracterizam-se exigir um distanciamento do enquadramento exclusivo da temática *gay* ou da homossexualidade, o que será lido aqui como uma primeira estratégia de homonormalização. Assim é que a produção de conteúdos *on-line* propriamente *gay* ou LGBTQIA+ ficou circunscrita a informações de organizações governamentais ou ONGs, pelo menos no que pode ser visto através da plataforma de *Youtube* e outras redes sociais que também têm sido usadas (inclusive mais que *Youtube*), como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* (onde organizações como *Colombia Diversa* e *Fundación Sergio Urrego* e o próprio ex editor da *Ventana Gay* Manuel Velandia são perfis mais ativos). De modo que a produção e distribuição desses discursos, atualmente, cabe a alguns *youtubers* ou *influencers*, que fazem da sua sexualidade (homossexualidade) um acontecimento a mais, porém, não necessariamente se torna o eixo de produção dos seus conteúdos, diferentemente do que pode ser visto no canal “põe na roda” do Brasil, por exemplo.

Sob estas condições decidimos trazer à análise o canal de *Juan Pablo Jaramillo*, um dos *youtubers* mais famosos da Colômbia e ícone da homossexualidade masculina, definido em algumas mídias como “*youtuber gay*” (Ríos, 2022), justamente porque seu vídeo mais representativo é de quando “saiu do armário” em 2014, aos 21 anos, depois de três anos como *youtuber*. Atualmente, tem 5,49 milhões de seguidores e no seu perfil de *Youtube* se identifica como “ativista LGBTI e criador de conteúdo (não sou *influencer*⁶, não segue meu exemplo)” (Jaramillo, 2011).

Suas produções se caracterizam por ser vídeos de entretenimento de temáticas variadas ao longo da sua vida; apesar de se identificar como ativista LGBTQIA+, seu vlog não se reconhece como produção exclusivamente LGBTQIA+ ou homossexual, diferentemente do que acontece com o *Põe a Roda*, do Brasil. No entanto, sua produção com relação à homossexualidade aumenta após seu vídeo em que “confessa” ser *gay*: “*Mi orientación sexual era un secreto*”, no qual fala das dificuldades e seus conflitos que ao longo da vida teve com relação à sua sexualidade, assim podemos ver a permanência desse método confessional e a necessidade de “libertar-se da culpa” como um tipo de método curativo para a alma. É possível encontrar alguns vídeos que tratam

⁶ Mesmo que escreva isso na sua descrição, ele trabalha como *influencer*, tem mencionado isso em seus vídeos e nas suas redes sociais.

questões relacionadas à homofobia, adoção, poliamor, sua personalidade gay, namoros, entre outros, que perfazem a materialidade para analisar a produção dos novos discursos de homossexualidade masculina.

Essa prática confessional é notável em outros vídeos de Juan Pablo, em uma tentativa por manter uma conexão com o público ao qual trata como “*ustedes*” ou “*babys*” (particularmente nos últimos vídeos), narrando situações muito privadas da família, da sua saúde mental, do trabalho, pois para ele é importante manter a “honestidade” entre ele e seus seguidores: “*Quiero contarle porque hace parte de mi pasado y no quiero perder este contacto y esta honestidad que hay entre nosotros [público y él]. No quiero ser algo inalcanzable [...] Ser más cercano a ustedes de lo que he sido*” (Jaramillo, 2020). Com isso, vemos que ele resgata bastante no seu discurso este tipo de valores de uma moral parental e de uma sexualidade normalizada, a *good gay*, junto com outros como a empatia, o respeito, a solidariedade, como características importantes em uma pessoa, para seus relacionamentos, para o convívio em comunidade, apoio em minorias e na sociedade a grande escala. Essas serão as estratégias repetidas em seus discursos das temáticas LGBTIAQ+ e o que poderíamos ligar com o jogo entre práticas de resistência e a normalização de uma boa pessoa, um bom cidadão, de um bom gay que mantém seus valores constantes em prol da comunidade.

Nesta produção discursiva das novas homossexualidades masculinas cis colombianas através de Jaramillo, podemos identificar um deslocamento com relação àquilo que era inscrito como efeminização, pastiche e o que era considerado “vergonhoso” pelos homossexuais da década de oitenta do século XX, pois reaparece como formas de resistência evidente na sua aparência e mesmo o processo de mudança da imagem ao longo desses 11 anos como *youtuber*, por exemplo em cortes e cores do cabelo, *oufits*, unhas pintadas, uso de acessórios, tatuagens, maneirismos e uso de certas formas linguísticas (formas de tratamento no feminino quando tem convidados gays, por exemplo: *amigas, queridas, baby, ella, atrevida, coqueta*).

No entanto, essas mesmas práticas de resistência produzem outras formas de hierarquização, um caminho à homonormalização, como Halperin (2007) enunciaria, formas de ser um ‘bom gay’ no século XXI, que está sempre no imediatismo, em constante mudança, e que esquiva o velho, atributos fundamentais para esse novo homossexual. Na sua polivalência, o discurso em torno ao corpo (como aparência) muda e se mantêm: deslocam-se os tipos de exigências com relação ao século XX, porém, se espera um corpo produzido, malhado, depilado, em constante modificação (tatuagens, piercings, maquiagem, cirurgias...), pois tanto Jaramillo quanto os convidados gays nos vídeos evidenciam essa preocupação.

É nessa nova forma de corporalidade-subjetividade que outra estratégia racializadora vem à tona: o poder aquisitivo e a injeção do *lifestyle*, que de certa forma sobrepujam ou reconfiguram o “ativismo”. Pelo que pode ser evidenciado nos vídeos, Juan Pablo Jaramillo é uma pessoa que, pelo seu sucesso, tem alcançado um poder aquisitivo de um gay de classe média alta, que viaja em cruzeiros (Jaramillo, 2019), frequenta as melhores baladas, viaja pelo mundo, tem uma fazenda – mesmo que Jaramillo se esforce em permanecer “simples” ou ligado a “valores naturais”.

Não obstante a ênfase nas estratégias de normalização, nos interessa apontar também para a subjetividade do homossexual militante tão presente na Colômbia, pois lembremos que uma das características da luta dos movimentos da década de oitenta foi pelos direitos e as liberdades. Agora, quase quatro décadas depois, ainda permanece esse “espírito” de luta e reclamação de direitos, outra das razões pelas que Juan Pablo levanta a bandeira LGBTIQ+, pois após de comunicar publicamente sua homossexualidade, vem fazendo certas ações em prol da comunidade

homossexual, participando em manifestações de rejeição à homofobia, em favor da adoção, até o ponto de liderar a campanha #AquiEntranTodos que, em 2018, levou à criação do Decreto da Prevenção da Discriminação por Orientação Sexual, uma lei que promove a identificação de locais públicos livres de discriminação usando adesivos com a legenda “*aquí entran todos*”, com o intuito de que os donos e trabalhadores de locais possam receber treinamento para lidar com casos de discriminação e que os usuários possam se sentir mais tranquilos.

Finalmente, podemos relacionar essa preocupação a outra como a saúde, discurso que estava presente também na revista *Ventana Gay* (Guerrero, 2019). No entanto, Jaramillo enfatiza no reconhecimento próprio, em ficar atentos na saúde emocional e psicológica, em normalizar a tristeza, os problemas e levar isso à sério (Jaramillo, 2020, 2021). Nesta esteira, a sua luta política para garantir os direitos se focaliza no amor, na busca pela igualdade, na educação e na “desaprendizagem” dos maus hábitos e costumes errôneas até entender que a população LGBTQI+ existe, resiste e é natural e, desse modo, ele se coloca como porta-voz: “*Aquí entra mi voz, mi cuerpo y mis redes a su disposición incondicionalmente*” (Jaramillo, 2022).

A roda ambígua do Brasil

No Brasil, algumas semelhanças em relação aos discursos de Jaramillo poderão ser encontradas, o que suscita a descrição de regularidades marcadas. Assim como as redes colombianas, nossa escolha pelo *Põe na Roda* diz respeito à sua capilaridade: o canal do *Youtube*, criado em 2014, tem mais de 1,24 milhões de inscritos e os vídeos têm mais de 212 milhões de visualizações; ainda no que tange às outras redes, é mister levar em consideração que o *Instagram* tem mais de 470 mil seguidores, enquanto o *Facebook*, cada vez menos relevante para certas populações no Brasil, tem mais de 269 mil seguidores. Assim como na Colômbia, o personagem central é um homossexual cis jovem, Pedro HMC, cuja carreira se iniciou como roteirista – inclusive, de programa de humor da MTV Brasil. Como na Colômbia, a descrição do canal do *Youtube* parte do humor: “Humor e informação fora do armário! A cada inscrito, uma lanterjoula será doada para o novo casaco do Elton John.” (Põe Na Roda, 2014).

Notemos, aqui o humor, já inicialmente, vale-se de uma certa assunção de discursos antes perigosos: a roda, retomando as relações anais e a passividade; a efeminização, assumindo a lanterjoula – no Brasil, uma forma de marcar os comportamentos fechativos dos anos oitenta do século XX – como identificação. Todavia, essa suposta novidade, como também discutiremos, já foi colocada em suspeição em alguns textos acadêmicos publicados sobre o canal, dentre os quais destacamos a tese de doutorado de Azevedo (2022), que analisa os regimes de governo no Canal e descreve estratégias de confissão, de idealização do corpo e de criação de condutas para homossexuais.

Já de início, é preciso notar: o *Põe na Roda*, sobretudo até 2017, ano em que uma estratégia se materializa: o *Deu se Semana*, espécie de jornal que materializa uma pauta LGBTQIA+ de certa forma mais diversificada, ainda que pautada numa agenda de direitos que performam o *good gay*: casamento igualitário, aceitação e respeitabilidade, música e universo pop e outras agendas que perfazem cisões e inauguram a homonormatividade. Novamente, porém, a presença da passividade e da sexualidade já no título parecem estratégias de ampliação das corporalidades e das subjetividades que o canal pretende dar a ver.

Aqui, nos ocuparemos de um recorte entre as vinte três *playlists* presentes no canal do Youtube em agosto de 2022: *Trans – Põe na Roda*, *Saúde – Põe na Roda* e *Viagens Pelo Mundo*. A primeira delas, *Trans*, conta com 36 vídeos. É mister apontar que, em sua maioria, as pessoas trans ali retratadas têm grande visibilidade nas redes sociais – são “famosas” – e que a entrada de trans no canal diz respeito à uma espécie de estética da existência: Pedro HMC passou a se relacionar com Popo Vaz⁷, homem trans – Vaz passou a ser uma espécie de corporificação da transmasculinidade para o canal. Interessa-nos um dos vídeos, *Não é porque sou trans*. Publicado em 29 de janeiro de 2017, ele é uma reatualização do vídeo inicial do *Põe na roda*, *Não é porque sou gay*, de 2014. O esforço de ambos é, ao tomar os estereótipos sobre as subjetividades *gays* e *trans*, borrá-las e colocar em suspeição categorias taxativas. Marcamos duas táticas, portanto: a primeira, de retomada e expansão das visibilidades pois, se no vídeo de 2014 a ênfase era em corporalidades *gays* cis e em seus efeitos de normalização e de exclusão, no vídeo de 2017 – com mais de um milhão de duzentas mil visualizações atualmente e publicado naquele momento de deslocamento que apontamos acima -, agora se trata de pensar outra forma de comunidade; a segunda, a de encerrar o vídeo com um discurso de respeitabilidade: “Não é porque sou trans que não posso ter uma família”. Fundamental em seu ativismo e na positivação das existências trans e em suas demandas, a cena apresenta uma família de duas pessoas trans e de seus filhos. O discurso, claramente da ordem da respeitabilidade, no momento em que inverte a normalidade hetero-homo, também parece carregar um certo ideal de normalização, parental e matrimonial – o que fica colocado em suspeição pela diversidade trans que figura no vídeo.

A segunda, *Saúde*, é mais ambígua: primeiro, porque parte da relação entre as subjetividades e as corporalidades LGBTQIA+ e o risco, sem contrapor a ela um discurso histórico. Depois, porque enfatiza as ISTs e dá pouco espaço para a saúde mental, por exemplo, ou para toda sorte de doenças. Todavia, polivalente, o discurso da doença muitas vezes aparece relacionado ao cuidado de si – por exemplo, no vídeo *Tudo sobre a chuca* e seus esforços humorísticos de orientação, enunciados pelo próprio HMC – ou naqueles vídeos em que a vida seropositiva é devidamente descrita como crônica e normalizada – como por exemplo em *Não é por te HIV*.

Finalmente, a terceira *playlist*, *Viagens pelo mundo*, parece retomar um discurso muito mais restrito sobre o corpo, a subjetividade e as práticas afetivas e sexuais do que considera *gay*. São 38 vídeos nessa *playlist*, que versam sobre praias, baladas e locais de *cruising*; quase sem exceção, eles materializam, em sua maior parte: homens brancos cis; corpos musculosos (ou, diríamos, corpos não-gordos); relacionamentos simétricos, entre homens enunciados como mais masculinos; práticas homossexuais cis urbanas; um retrato geográfico bastante eurocentrado do que é ser *gay*; uma insistência, como na Colômbia, em retratar um *life style* internacional e de materializar um status social e econômico desejável e regulatório. Nesse sentido, o primeiro dos vídeos é elucidativo: a praia de Ipanema, apresentada como o reduto *gay* por excelência. Publicado em 2015, no vídeo podemos ver alguns depoimentos, que destacamos: “O carioca hoje está muito focado no corpo e isso é meio chato” (dito por um *gay* cis devidamente marcado em sua corporalidade de “musculoso”) ou o “encontro” de Pedro HMC com o ator pornô Harry Louis – que contempla e de quem “confere” a sunga.

Ora, essa exacerbação da masculinidade, da virilidade e de certa normalidade *gay* internacional, que não se restringe, é importante que se diga, à *playlist*, mas está inscrita por todo

⁷ Popo Vaz, infelizmente, suicidou-se em 2022 e isso, inclusive, interrompeu as atividades do canal.

o canal, deve ser lida na produção de sentidos que suscita. Neste caso, estamos nos referindo à certa atualização da memória de exceção que aparecia na imprensa alternativa e que parece insistir em constituir os discursos e as práticas do canal – como uma espécie de vitrine do *good gay*, agora um tanto mais militante, desde que a alteridade seja circunscrita a *playlists* ou a vídeos específicos (como antes acontecia com a *Bixórdia*).

Considerações Finais

Neste artigo, pretendemos realizar uma análise comparativa entre a produção de homossexuais sobre a homossexualidade masculina cis no Brasil e na Colômbia, partindo de um cotejamento também temporal – a imprensa das décadas de setenta e a produção on-line atual. Iniciamos o texto com a problematização das modalidades de aparecimento da homossexualidade como gay, que teve lugar entre as décadas de setenta e oitenta; depois, voltamo-nos ao acontecimento gay atual. No Brasil e na Colômbia, podemos notar linhas de deslocamento importantes, que dizem respeito à visibilidade e à tentativa de inventariar subjetividades menos reguladas por discursos e práticas masculinas, viris e heterocentradas e caracterizadas por certas exigências de pluralizar as formas de existência homossexuais.

Assim, podemos ver que permanecem nessas publicações tanto um esforço de manutenção do *good gay*, quanto a permanência de limites de exceção em relação àquilo que, apresentado como diferença, é ainda motivo de suspeição e de colocação entre aspas, na ordem do humor, o gay militante agora é uma figura pública que produz conteúdo específico de entretenimento buscando aceitação, mesmo através do humor.

Adicionalmente, acreditamos que essa permanência pode se vincular à moralidade conservadora que, atualmente presente no Brasil e na Colômbia, parece ter papel relevante na produção de subjetividades – inclusive aquelas LGBTQIA+, traçando certa normalidade gay internacional, pelo menos na América Latina. Nesta esteira, consideramos que este estudo pode ser ampliado a outros países da América Latina, não para traçar uma homossexualidade latino-americana, mas com o intuito de reconhecer e confirmar a permanência das práticas conservadoras intensificadas na colonização e seu funcionamento biopolítico pautado nas práticas e discursos de exceção.

Referências

- Azevedo, M. P de. (2022). *Governo, corpo e hipervisibilidade no youtube: a constituição do sujeito gay no canal Põe na roda* [Tese de Doutorado Acadêmico em Letras]. Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte.
https://www.uern.br/controladepaginas/tesesDefendidasem2022/arquivos/6992semassinaturatasefinalmarcosazevedo_ppgl.pdf
- Barros, P. M de. (2003). A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. *Revista Akropolis*, 11(2), 63-66.
<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/332>
- Biografía.doc. (s.d). *Biografía de Juan Pablo Jaramillo*.
<https://biografiadee.com/biografia-de-juan-pablo-jaramillo/>

- Birulli, F., Vaggione, R. M., & Machado, M. Das D. C. (2020). *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. Boitempo Editorial.
- Bourcier, S. (2020). *Homo Incorporated: o triângulo e o unicórnio que peida* (M. Bechara, Trad.). N-1 Edições Crocodilo.
- Brown, W. (2006). American nightmare: neoliberalism, neoconservatism, and de-democratization. *Political Theory*, 34(6), 690-714.
<https://sxpolitics.org/wp-content/uploads/2018/05/Wendy-Brown-American-Nightmare.pdf>
- Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. (M. Marino & E. Altheman, Trans.). Editora Filosófica Politeira.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).
- Butturi, A. (2012). *A passividade e o fantasma: o discurso homossexual no Brasil* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96117>
- Butturi, A. (2016). As formas de subjetividade e o dispositivo da aids no Brasil contemporâneo: disciplinas, biopolítica e fármakon. Em V. C. Quino, L. M. Crestani, L. F. Dias, & M. S. Diedrichm (Eds.), *Língua, literatura, cultura e identidade: entrelaçando conceitos* (pp. 59-78). Editora da Universidade de Passo Fundo.
- Colling, L., Arruda, M. S., & Nonato, M. N. (2019). Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos Pagu*, (57).
<https://doi.org/10.1590/18094449201900570002>
- Duggan, L. (2002). The new homonormativity: the sexualpolitics of neoliberalism. Em R. Castronovo & D. Nelson (Eds.), *Materialising Democracy: Towards a Revitalized Cultural Politics* (pp. 175-194). Duke University Press.
- Foucault, M. (1999a). *As palavras e as coisas* (S. Tannus Muchail, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1966).
- Foucault, M. (1999b). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. (M. da Costa Albuquerque & J.A. Guilhon Albuquerque, Trans.). Edições Graal. (Obra original publicada em 1976).
- Foucault, M. (2002). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008). *Arqueologia do saber*. (L. Baeta Neves, Trad.). Forense Universitária. (Obra original publicada em 1969).
- Green, J. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (C. Fino & C. Arantes, Trans.). Editora UNESP.
- Guerrero, N. A. (2018). “Saltemos por la ventana” surgimiento de la revista “Ventana Gay” desde el punto de vista de Manuel Antonio Velandia Mora, uno de sus fundadores. *Fórum Lingüístico*, 15(3), 3263-3275.
<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n3p3263>
- Guerrero, N. A. (2019). *Lampião da Esquina e Ventana Gay: uma análise do acontecimento do discurso gay na imprensa do Brasil e da Colômbia (1978-1984)* [Programa de Pós-Graduação em Linguística]. Universidade Federal de Santa Catarina.
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214546>

- Halperin, D. M. (2007). *What do gay men want? An essay on sex, risk, and subjectivity*. The University of Michigan Press.
- Jaramillo, J. P. [Juan Pablo Jaramillo] (2011, setembro 25). *Descrição*. Youtube. <https://www.youtube.com/user/JaramiShow/about>
- Jaramillo, J. P. [Juan Pablo Jaramillo] (2019, fevereiro 1). *Un crucero con +1000 GAYS a bordo*. [Arquivo de vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/Kdgzpp349BQ>
- Jaramillo, J. P. [Juan Pablo Jaramillo] (2020, dezembro 27). *¿Por qué me fui tanto tiempo? ¿Por qué regreso ahora?* [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/AIqgQJlswnc>
- Jaramillo, J. P. [Juan Pablo Jaramillo] (2022, agosto 4). *Hicimos una protesta en contra de la LGBTI F0BIA y esto pasó*. [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=Pg1jniZ2wY4>
- Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. Página Aberta Ltda.
- Lampião da Esquina*. (1978a). Editora Lampião.
- Lampião da Esquina*. (1978b). Editora Lampião.
- Lazaratto, M. (2019). *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. N-1 Edições.
- Meléndez, L. S. (5-7 de octubre de 2016). *Periodismo alternativo y comunitario: una revisión conceptual* [Resumen de presentación de la conferencia]. XIII Congreso Latinoamericano de investigadores de la comunicación. Comunicación popular, comunitaria y ciudadanía de la Universidad Autónoma Metropolitana, Ciudad de México, México. https://www.researchgate.net/publication/311537268_Periodismo_alternativo_y_comunitario_una_revision_conceptual
- Morales, R. (2010). *Magazines: 30 años de impresiones diversas*. Fundación Universitaria INPAHU.
- Paveau, M. A. (2017). *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Hermann Éditeurs.
- Penteadó, D. (1978). Ensaio. *Lampião*, 1(0), 3. <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>
- Perlongher, N. (1987). *O que é AIDS*. Brasiliense.
- Peruzzo, C. M. (2009). Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Revista Galáxia*, (17), 131-146. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641243011>
- Põe na Roda. [@PoeNaRoda] (26 de setembro de 2014). *Playlist*. [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/c/PoeNaRoda>
- Prado, M., & Machado, F. (2012). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. Cortez Editora.
- Ríos, J. M. (13 de julio de 2022). *Juan Pablo Jaramillo: Evolución del youtuber gay colombiano*. Homosensual. <https://www.homosensual.com/entretenimiento/celebridades/juan-pablo-jaramillo-evolucion-fotos-del-youtuber-gay-colombiano/>

- Sutherland, J. (2014). Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina. *Revista Periódicus*, 1(1), 5-20.
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i1.10145>
- Trávez, D. F., Castellanos, S., & Viteri, M. (2013). *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur*. Editorial Egales.
- Ventana Gay*. (1980). Editora El Colectivo.
- Ventana Gay*. (1981). Editora El Colectivo.
- Zuleta, L. (23 de agosto de 2020). *Aspectos sociopolíticos de la paranoia antihomosexual y la acción homosexual*. Semanario Voz.
<https://semanariovoz.com/aspectos-sociopoliticos-la-paranoia-antihomosexual-la-accion-homosexual/>